

A painting of a man in a white robe and headscarf standing in an ornate, dimly lit interior. The man is the central figure, wearing a white headscarf and a white robe with a gold belt. He is standing in a room with intricate architectural details, including arches and carvings. The lighting is dramatic, with strong highlights and deep shadows.

Prosper Mérimée

2 CONTOS
HISPANICOS

FREE BOOKS

PROSPER MÉRIMÉE

2 CONTOS HISPÂNICOS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: 2 CONTOS HISPÂNICOS

Autor: Prosper Mérimée (1803 – 1870)

Tradutores: Paulo Soriano (“A Pérola de Toledo”) e autor desconhecido do século XIX (“Um Bandido Galante”, conto publicado originariamente no “Jornal do Recife”, edição de 30 de novembro de 1898).

Imagem da capa: Eduard Charlemont (1848 – 1916)

Leiaute da capa: Canva

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 22

Direitos: Original de domínio público, (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 art. 41, *caput*); © da tradução de “A Pérola de Toledo”: Paulo Soriano; a tradução de “Um Bandido Galante” é de domínio público (art. 40, *caput* e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[A PÉROLA DE TOLEDO](#)

[UM BANDIDO GALANTE](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

A PÉROLA DE TOLEDO

Quem me dirá quando o Sol é mais belo, se na alvorada ou no crepúsculo? Quem me dirá qual é a árvore mais bela, se a oliveira ou a amendoeira? Quem me dirá quem é o mais bravo, se o valenciano ou o andaluz? Quem me dirá qual é a mais bela das mulheres? Direi qual é a mais bela das mulheres: é Aurora Vargas, a Pérola de Toledo.

O mouro Tuzani pediu a sua lança, pediu a sua adarga. Ele empunha a lança com a destra; a adarga prende-se a seu pescoço. Desce ao estábulo e avalia suas quarenta éguas, uma após a outra. Então diz:

— Berja é a mais vigorosa. Sobre a sua ampla garupa, trarei a Pérola de Toledo, ou, por Alá, Córdoba nunca me verá novamente!

Parte, cavalga, chega a Toledo e encontra um ancião próximo a Zacatín.

— Ancião de barba branca, leva esta carta a Dom Guttierre, a Dom Guttierre de Saldaña. Se ele é homem, lutará comigo junto à fonte de Almami. A Pérola de Toledo há de pertencer a um de nós.

O Ancião recebeu a carta, tomou-a e a levou ao conde de Saldaña, que jogava xadrez com a Pérola de Toledo. O conde leu a carta, leu o desafio e, com a mão, golpeou tão violentamente a mesa que todas as peças caíram. E ele se levanta e pede a sua lança e o seu melhor cavalo. A Pérola também se levantou, a tremer, porque compreendeu que ele partiria para um duelo.

— Senhor Guttierre, Dom Guttierre de Saldaña, fica, eu te suplico! Voltemos a jogar!

— Não jogarei mais xadrez. Quero praticar o jogo das lanças na fonte de Almami.

E os prantos de Aurora não puderam detê-lo. Porque nada detém um cavaleiro que vai a um duelo.

Então, a Pérola de Toledo tomou o seu manto e, montada em sua mula, retirou-se para a fonte de Almami.

Ao redor da fonte, a grama é vermelha. A água da fonte é vermelha, também. Mas não é o sangue de um cristão o que enrubesce a grama, o que enrubesce a água da fonte. O mouro Tuzani jaz de costas. A lança de Dom

Guttierre partiu-se em seu peito e o sangue do mouro se esvai lentamente. A égua o contempla em choro, porque não pode curar as feridas de seu dono.

A Pérola desce de sua mula:

— Cavaleiro, coragem! Hás de viver ainda para desposar uma bela moura. Minhas mãos podem curar as feridas que te fez o meu cavaleiro.

— Ó, tão branca Pérola! O tão bela Pérola! Arranca de meu peito este pedaço de lança que o dilacera: o frio do aço me esfria e congela.

Ela se aproximou, sem desconfiança. Mas ele revivesce as suas forças e, com a ponta de sua cimitarra, retalha aquele tão lindo rosto.

UM BANDIDO GALANTE

Celebrava-se um casamento nos arredores de Andujar.

Os noivos já tinham recebido os cumprimentos de seus amigos. Era a ocasião de irem todos para a mesa, preparada à sombra de uma grande figueira defronte de casa.

Cada um dos convivas estava com a melhor disposição. Os aromas dos jasmims e das laranjeiras floridas misturavam-se agradavelmente com o cheiro que exalava dos pratos que enchiam as mesas.

De repente, aparece um homem a cavalo, saído de uma pequena mata próxima de casa. Apeou-se destramente, saudou as pessoas presentes e conduziu o animal à estribaria.

Não se esperavam mais outros convidados. Todavia, na Espanha, qualquer viajante é sempre bem-vindo num jantar de festas.

Além disso, pelo seu vestuário, o estranho parecia ser gente de importância e o noivo adiantou-se para recebê-lo.

Enquanto uns perguntavam aos outros quem seria aquele recém-chegado, o escrivão de Andujar empalidecia como um defunto. Procurava levantar-se de sua cadeira ao lado da noiva, mas as pernas não lhe permitiam: estavam enfraquecidas.

Um dos convidados desconfiou de que se tratasse de algum contrabandista e perguntou à noiva quem era aquele homem.

—É o José María. E, se não estou de todo enganada, ele veio aqui para fazer alguma desgraça. Decerto, é o escrivão quem ele procura, mas, o que se há de fazer? É impossível dar-lhe escapatória. José María logo o agarra. Prender esse bandido? Mas a sua quadrilha pode estar por perto. Ele conduz armas na cintura: as inseparáveis pistolas e a adaga. Mas, senhor escrivão, o que o senhor fez ao bandido?

— Ai de mim! Nada, absolutamente nada.

Alguém segredou que o escrivão advertira ao seu rendeiro, havia dois meses, que, se José María aparecesse pedindo de beber, deveria colocar uma certa dose de arsênico no vinho.

Conversava-se ainda, antes de servir a *olla*¹, quando o estranho apareceu acompanhado pelo noivo.

Não restava dúvida: era mesmo o José María que, de passagem, lançou um olhar feroz para o escrivão, que tremia, como se estivesse com calafrios.

O bandido cumprimentou a noiva com toda gentileza e pediu licença para dançar em sua festa.

Ela não teve ânimo de recusar nem fazer cara feia. José María tomou então, sem a menor cerimônia, um banco, chegou-se para a mesa e ficou bem ao lado da noiva e do escrivão, que a cada momento parecia que ia desmaiar.

Precipitou-se a comer. E o bandido estava que era só atenções e cuidados pela sua vizinha de mesa.

Quando foi servido o vinho especial, a noiva segurou o copo de *mantilla*, vinho ainda mais fino que o xerez, levou-os aos lábios e transmitiu-o ao bandido.

Tal é uma cortesia que se costuma fazer às pessoas estimadas. Chamava-se “uma fineza”. Infelizmente, este costume está desaparecendo da fina sociedade, que muito se esforça em desfazer-se dos costumes nacionais.

José María recebeu o copo, agradeceu com afetuosa efusão e declarou à noiva que ela quisesse considerá-lo como seu servidor, obediente e satisfeito em cumprir o que lhe fosse determinado.

Ela, então, toda trêmula, inclinou-se ao ouvido de seu terrível vizinho e disse:

— Faça-me um obséquio.

— Mil — respondeu José María.

— Esqueça, eu lhe suplico, as más intenções com que veio aqui. Prometa-me que, pela simpatia que tem por mim, perdoará os seus inimigos e que nenhum escândalo promoverá em meu casamento.

— Escrivão — proferiu José María, voltando-se para esse representante da lei, que estava lívido de medo —, agradeça a essa senhora. Não fosse a sua intervenção, e eu o mataria antes que tivesse tempo de digerir o jantar. Não tenha mais receio. Mal nenhum eu lhe farei.

E, entornando o vinho no seu copo, acrescentou um riso maligno:

—Viva o Sr. Escrivão! Beba à minha saúde! O vinho é bom. Não está envenenado.

O infeliz pensava estar engolindo alfinetes.

— Salve, moças! — exclamou o bandido. — Vivam os noivos!

Durante o resto do banquete e no baile, mostrou-se de tal sorte amável que as mulheres, quase todas, tinham os olhos umedecidos de lástima ao pensar que um rapaz tão galante acabaria justicado.

Ele dançou, cantou, foi amável com todos os comensais naquela festa.

Cerca de meia-noite entrou uma menina de doze anos muito andrajosa, aproximou-se de José Maria e lhe falou na gíria dos ciganos. Ouvindo-a, ele sobressaltou-se, correu à estrebaria, donde voltou conduzindo o seu cavalo e dirigiu-se à noiva, a quem disse:

—*Adiós, hija de mi alma*², jamais me esquecerei dos instantes que aqui passei. Foram os mais felizes que tive desde tantos anos! Tenha a bondade de aceitar esta bagatela oferecida por um pobre-diabo que desejaria possuir uma mina para lhe dar.

E presenteou-a com um lindo anel.

— José María — disse admirada a noiva —, enquanto houver pão nesta casa, a metade lhe pertence.

O bandido apertou a mão de todos os convidados, e até mesmo a do escrivão, abraçou as senhoras e, destramente saltando para o selim, voltou para as montanhas.

Só então é que o escrivão respirou livremente.

Meia hora depois, apareceu um destacamento de praças provinciais, mas ninguém tinha visto o homem que procuravam.

SOBRE O AUTOR

Prosper Mérimée (1803-1870), natural de Paris, foi um dos principais representantes da escola literária romântica da França. Dedicou-se ao teatro, novelas e contos. Sua obra mais conhecida é a novela “Carmen”, que inspirou a célebre ópera de Georges Bizet (1838 – 1875). Deixou várias narrativas ambientadas na Espanha.

Notes

[← 1]

Cozido preparado com carne, toucinho, legumes, grão-de-bico e batatas.

[← 2]

Adeus, filha de minn'alma.